O fio da vida

O fio é símbolo da vida nas mais diversas tradições, veremos a seguir exemplos da força simbólica e concreta do fio (e das mãos) no processo humano de autoconsciência.

por Estefania Lima

"É da natureza dos índios reverenciar seus ancestrais, fazem isso em sinal de gratidão, pois foram eles os artesãos, modeladores e moldes do tecido chamado corpo, feito dos fios perfeitos da terra, água, fogo e ar, entrelaçando-os em sete níveis do tom que somos, assentando o organismo, os sentimentos, as sensações e os pensamentos que comportam o ser."

Kaká Werá em a "Terra dos Mil Povos"

Foto: Laís Domingues

O ENOBRECIMENTO DAS MÃOS

Como a história da civilização e colonização ocidental transformou os trabalhos manuais em atividades menores.

A cultura ocidental entende, até os dias de hoje, corpo e mente como entidades separadas. Cultuamos a inteligência e a criatividade como se ela nada tivesse a ver com nossa esfera física, e erotizamos ou mortificamos o corpo, como se ele se encerrasse em suas funções fisiológicas. No trabalho, esta separação fica ainda mais nítida. Vivemos a idealização de uma formação universitária - que garanta um emprego que nos deixe o dia todo diante de computadores - versus os desprezados trabalhos manuais. Estes só ganham valor, em parte, após uma passagem de formatação pelas áreas de Marketing e Design. Salvo raras exceções, normalmente no campo da saúde, permanecemos ignorantes a respeito do potencial corporificado da existência humana.

Fruto dos caminhos traçados pela Filosofia Ocidental, que tem seu ponto alto em René Descartes (1596 - 1650) com o "*Cogito*: Penso, logo existo", abdicamos do corpo, como se este fosse um empecilho à vida e, até o momento, não o reivindicamos de volta.

Nossa educação permanece centrada no intelecto e ao corpo é permitida a manifestação apenas no esporte ou, quando muito, na arte. Como diz o arquiteto Juhani Pallasmaa[1], "os princípios educacionais que prevalecem na atualidade não conseguem compreender a essência indeterminada, dinâmica e sensualmente integrada da existência, do pensamento e da ação humana".

A dualidade no Brasil, importada da Europa, finca suas raízes no racismo e na desigualdade social. A história do país, pós-colonização portuguesa, é marcada pelo desprezo do trabalhador livre pela produção artesanal e de manufatura. Homens não escravizados, mais do que nobres, evitavam atividades que fossem desempenhadas pelas mãos, por medo de serem confundidos com escravos (indígenas e africanos). Era a forma utilizada para se estabelecer uma diferenciação social daqueles que eram próximos, mas desprezados. Segundo Luiz Antônio Cunha[2], para estes homens, diferenciar-se "do escravo, era da maior importância diante de senhores/empregadores, que viam todos os trabalhadores como uma coisa só".

Isso acaba por justificar, de certa forma, o escasso desenvolvimento das corporações de ofício no Brasil Colônia. As corporações de ofício foram associações que surgiram na Idade Média para regulamentar as profissões e as produções artesanais. As poucas guildas que existiam eram quase secretas, cuidadas e defendidas pelos artífices para que se mantivessem "brancas". A preocupação é que os ofícios não se tornassem "vis" (por serem feitos por escravos) e perdessem o seu valor. Segundo Cunha (2000), é neste ponto em que se encontram as raízes do preconceito contra o trabalho manual no Brasil, perdurando até hoje.

Ademais, o fazer artesanal tornou-se a única alternativa de trabalho para ex-escravos, mestiços e brancos pobres. Tanto por falta de trabalho assalariado, quanto por imposição do Estado, que "coagia homens livres a se transformarem em artífices. Não fazia isso, decerto, com quaisquer homens livres, mas com aqueles que social e politicamente não estavam em condições de opor resistência", relata Cunha (2000).

O ALVARÁ DE D. MARIA I

Ainda neste período outro fato marcou a história dos ofícios no Brasil. No ano de 1785 um Alvará de D. Maria I proibiu o estabelecimento de fábricas e manufaturas no país, ordenando que todos os teares da colônia fossem destruídos, exceto aqueles que produzissem tecidos grosseiros e que servissem para vestuário dos escravos e empacotamento de fazendas. Para justificar, alegavam que as mãos dos trabalhadores deveriam somente fazer a extração de ouro, diamante e agricultura, servindo à Coroa e aos estrangeiros.

Embora o número de teares destruídos na época tenha sido pequeno, tecelões foram obrigados a restringir suas produções ao ambiente da casa, deixando de compartilhar seus trabalhos em esfera pública. O historiador Nelson Mendes Cantarino[3] descreve sobre as denúncias feitas pelo governador das Minas Gerais à Lisboa, "alertando a Coroa sobre a existência de 'estabelecimentos fabris' na Capitania. Os mineiros estavam deixando de comprar os gêneros importados do Reino para consumir têxteis manufaturados em suas propriedades".

Tal proibição tinha relação direta com a Revolução Industrial que mal havia dado seus primeiros passos mas gerava, por parte da Inglaterra, uma necessidade maior por mercados consumidores e fornecedores de matérias-primas. Sua mais importante indústria - a têxtil - demandava principalmente o algodão, produto cultivado em regiões tropicais, como o Brasil.

Ao conjunto da separação filosófica do corpo e mente, colonização, racismo e impedimento da prática, junta-se então a industrialização, destituindo ainda mais o poder do corpo e das mãos e transformando artífices em consumidores.

ÍNDIA, GANDHI E "MOVIMENTO SWADESHI"

Não foi apenas nas Américas que a colonização e a Revolução industrial deixaram suas marcas no fazer artesanal. Na Índia, durante o final do século XIX e começo do século XX, a então Grã-Bretanha monopolizava o comércio local, fazia milhões de mortos pela fome, tornando desumana a condição de trabalho a qual eram expostos os camponeses e artesãos locais. Foi quando Mohandas K. (Mahatma) Gandhi começou a liderar o movimento nacionalista pela independência do país, que viria a ter como símbolo justamente uma charkha (roca de fiar indiana).

No ano de 1905, com a "Partição de Bengala"[4] pelo Império Britânico, o país deu início ao "Movimento Swadeshi". Tal movimento tornou-se um marco no processo de independência da Índia, já que a população reagiu à tentativa de separação com protestos e boicote ao consumo de bens estrangeiros, especialmente os têxteis. Para que isso fosse possível, os líderes do movimento passaram a estimular o uso da charkha como um caminho para a autonomia produtiva do país. Eles afirmavam que se cada chefe de família fiasse o necessário para vestir sua família, então Bengala poderia ser independente sem quase nenhum esforço.

Gandhi passou 21 anos, na África do Sul, lutando pacificamente pelos direitos da população indiana e ao retornar à Índia, introduziu a charkha no

[1] As Mãos Inteligentes: A Sabedoria Existencial e Corporalizada na Arquitetura (Editora Bookman, 2013).

[2] CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. Revista Brasileira de Educação, nº 14, 2000.

[3] CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. Revista Brasileira de Educação, nº 14, 2000

[4] Uma tentativa de divisão da região de Bengala em ocidental, majoritariamente hinduísta, e oriental, majoritariamente muçulmana

dia a dia do ashram que viria a fundar em 1917. Formando, então, uma escola de trabalhos manuais e iniciando o “Movimento Satyagraha”, o qual tinha como princípios: a luta não violenta; a desobediência civil e a autossuficiência da população. Na época Gandhi ainda não fiava - o que passou a fazer, posteriormente, por uma hora e meia por dia - mas já via no fazer manual uma forma para o autogoverno de cada indivíduo. Segundo ele, este autogoverno individual, seria fundamental para o autogoverno coletivo. O ativista era crítico ferrenho das máquinas e tecnologias, e as consequências que ambas traziam para a população. Sua principal objeção baseava-se no fato de permitirem que nações explorassem umas às outras, e ao enfraquecimento do corpo, mente e espírito, pelos confortos proporcionados pelas máquinas. Gandhi acreditava na capacidade das vilas indianas serem autossuficientes, produzindo com suas próprias mãos os itens necessários à sua sobrevivência. A época, no entanto, muitos agricultores e artesãos haviam abandonado as tradições têxteis do país desde a chegada dos ingleses.

Em sua autobiografia Minha Vida e Minhas Experiências com a Verdade, Mahatma Gandhi conta como foi difícil encontrar rocas e teares, além daqueles que soubessem como manejá-los: “Todos pertencíamos a profissões liberais ou ao comércio. Nenhum de nós era artesão. Precisávamos de tecelões hábeis que nos ensinassem a trabalhar nos teares (...) mas eles não nos transmitiam toda a sua arte (...) não conseguíamos rocas de fiar nem fiandeiros que nos ensinassem a lidar com elas. A arte era restrita às mulheres e tinha sido praticamente exterminada”, relatou o ativista que, após uma longa busca, encontrou uma habilidosa fiandeira para lhe auxiliar.

Em alguns anos Gandhi não só tornou a roca popular novamente, como a elevou ao grande símbolo da luta nacionalista pela independência do país. Com o uso da roca, presente na casa de cada família indiana, o ativista político transformou um movimento diplomático não-violento em um processo de ação-reflexiva, que incluiu homens e mulheres, e sem diferença de castas, ponto também fundamental em sua luta.

Bruna Mendes de Vasconcellos[5] aponta que a força do movimento de Gandhi vem justamente do engajamento que envolve técnica e artefatos tradicionalmente femininos. A adoção da charkha como instrumento político, trouxe as mulheres para a luta Incluindo, em sua grande maioria, aquelas que estavam em casa e eram responsáveis pelos cuidados. Segundo Vasconcellos (2017), “a propaganda implacável de Gandhi a favor da charkha e do kadhi foi desenhada para levar o espírito do nacionalismo e liberdade para dentro de cada casa, mesmo nas vilas mais remotas. Assim, lutas políticas abstratas contra o controle colonial ganhavam forma concreta para pessoas comuns”.

De maneira visionária, ao elevar a roca ao patamar de símbolo de luta pacífica, Gandhi também demonstrou recusa ao modelo cultural e econômico imposto pela Grã-Bretanha, valorizando a esfera do cuidado, da vida e da tradição do país. Ainda segundo Vasconcellos (2017) - em literatura pouco conhecida na América Latina sobre Gandhi e as mulheres - é descrito como Mahatma incorporava à sua vida pessoal características tidas como femininas, via as mulheres como moralmente superiores aos homens, além de exaltar suas capacidades pacíficas, resilientes e tolerantes, propondo que elas fossem ativas na luta não violenta pela independência. No movimento li-

[5] VASCONCELLOS, B., Dias, R., & Fraga, L. (2017). Tecendo conexões entre feminismo e alternativas sociotécnicas. Scientiae Studia, 15(1), 97-119.

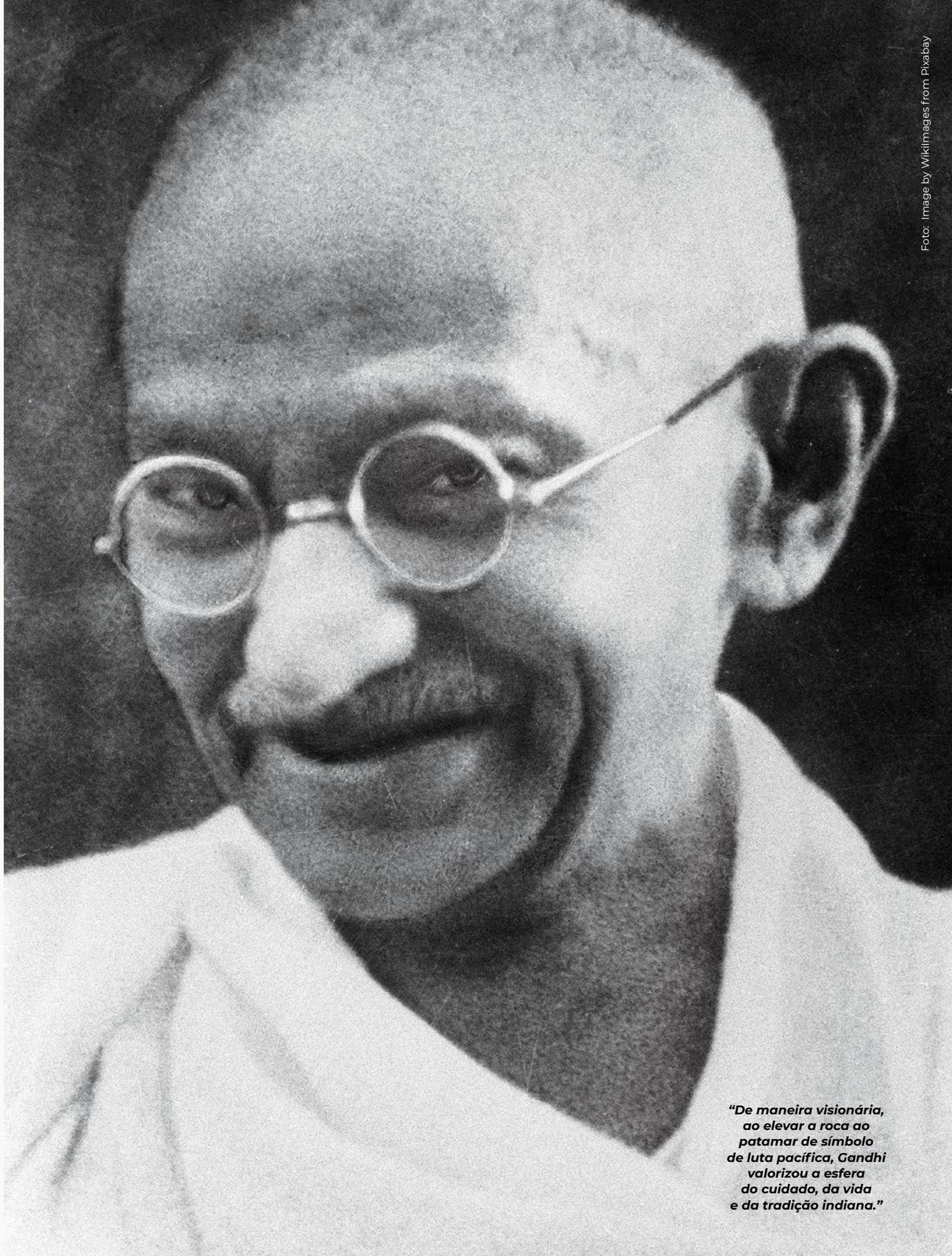

Foto: Image by WikiImages from Pixabay

“De maneira visionária, ao elevar a roca ao patamar de símbolo de luta pacífica, Gandhi valorizou a esfera do cuidado, da vida e da tradição indiana.”

derado por ele, as mulheres não apenas estavam nas articulações políticas nacionalistas do país, mas também desempenhando um papel fundamental como fiandeiras nas zonas rurais.

No auge do movimento, foram organizados Spinning clubs (Clubes de fiar) - espaços nos quais as mulheres realizavam o trabalho de fiação de forma coletiva. Estes espaços tornaram-se lugares de politização feminina, difusão dos debates e pautas da luta nacionalista. Ainda alheio a qualquer padrão, Gandhi fazia questão de aparecer fiando em público e frequentemente divulgava em seus escritos, os benefícios que a prática trazia, promovendo uma ruptura na divisão das tarefas por gênero.

Com a colaboração das mulheres, Gandhi desestruturou a economia colonial, conduziu 255 milhões de indianos em uma luta pacífica contra dois séculos de domínio britânico e conquistou a independência da Índia. De forma paradoxal foi assassinado por um radical hindu em 30 de janeiro de 1948 e, até hoje, suas principais bandeiras de pacificação ainda são motivo de violência. Gandhi não conseguiu eliminar a tradição das castas, unir muçulmanos e hindus e diminuir a influência externa nas tradições do país. Porém, previu como poucos as consequências da industrialização e globalização. Hoje a Índia tem a maior produção de algodão no mundo baseada em sementes geneticamente modificadas e pesticidas, péssima condição de trabalho fabril e alto índice de suicídio entre aqueles que trabalham com a fibra. Segundo reportagem do The Guardian, “India’s farmer suicides: are deaths linked to GM cotton?” [em português, “Suicídios de agricultores da Índia: as mortes estão ligadas ao algodão geneticamente modificado?”, mais de 270 mil indianos, produtores de algodão, se mataram desde 1995.

No Brasil, a situação não é muito diferente. Vivemos os impactos da globalização, que aconteceu ainda mais acelerada após a morte de Gandhi. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), entre 1995 e 2015, foram libertados 49.816 trabalhadores que estavam em situação análoga à escravidão no país e, desde 2013, a maioria desses trabalhadores vem dos setores de construção civil e confecção de roupas. Ou seja, a dignidade nesses países ainda passam longe do trabalhos desempenhados com as mãos. Dito isso, é importante lembrar que o Gandhi nunca quis que os indianos mudassem de ocupação, seguindo o modelo britânico de educação e ocupações mas, sim, enobrecer essas atividades, demonstrando nelas as suas potências.

A FORÇA DA DISCIPLINA

Gandhi foi o líder da independência da Índia, mas também de sua própria. Sua luta era baseada primariamente no autogoverno, que o pacifista considerava estar na palma de nossas mãos, mas não sem esforço e ação. A prática da fiação, que adotou como símbolo de independência do governo britânico, era também um símbolo de transformação de energias, humanas e materiais. Das histórias a respeito de Gandhi, contam que a cada retorno de um grande evento - quando poderia ser corrompido pelo ego - era para sua roca que ele voltava, em sinal de humildade. Com disciplina, tecia o fio de sua roupa e sua vida, encontrando no fio a paz para seu espírito. Em sua autobiografia, Gandhi chega a dizer que só o barulho da roca já lhe trazia cura.

Mais de um século depois, o tecelão Alexandre Heberte se entrega a um processo de aprimoramento pessoal e cura, através da tecelagem. O artista de Juazeiro do Norte (CE) é um dos principais nomes da atividade no país e leva com respeito, devoção e disciplina sua missão de recontar e recriar a história do ofício no Brasil. Reconhecido por tecer com fios que vão da fibra de buriti às fitas de videocassete, o tecelão prefere não definir sua ocupação, emprestando suas tramas à moda, arte e cultura.

Eu seu ateliê, no bairro da Santa Cecília (São Paulo), Alexandre recebeu a equipe da Revista Urdume com café, bolo e abraços - sinal de cuidado com todos e com tudo que o cerca. Sem esquecer de um nome ou sobrenome, o artesão faz questão de citar os mestres que marcaram sua história, apresentar suas obras e falar sobre o poder de transformação e cura de seus fios.

URDUME. Como a tecelagem entrou na sua vida?
Alexandre Heberte. Tudo começa quando saio do Juazeiro do Norte e desembarco nesta cidade [São Paulo] em um fim de tarde. Eu chego aqui no fundo do poço, para realizar o sonho de morar em uma cidade grande e, logo na primeira noite, me pergunto: “Como se faz para manter um sonho?”. Faço essa pergunta ciente do fundo do poço no qual eu me encontrava, e que tinha a ver com as minhas próprias fraquezas, medos, inseguranças, bloqueios e baixa autoestima. Eu estava com 30 anos e até aquele momento não tinha um rumo, uma formação acadêmica, vinha causando desgosto para minha família por conta dos meus excessos e questionava minha própria identidade e caminhos profissionais.

URDUME. E onde foi essa primeira noite? Você conhecia alguém na cidade?
Alexandre Heberte. Eu cheguei aqui e fui morar com um amigo que já acolhia outros amigos do Juazeiro. Ainda nessa primeira noite, eu me vejo morando em um quarto, com outros amigos, e me vem à cabeça a carta dos enforcados [do tarô] que fala sobre o sacrifício físico, moral e espiritual. Ali eu entendi que era o meu momento de me sacrificar, me despir de tudo e recomeçar.
URDUME. E você logo começou a tecer? Já conhecia a técnica?
Alexandre Heberte. Não, o tear foi um presente que a vida me deu. Eu estava em uma grande cidade, anônimo, tendo que lidar com todos os meus bloqueios, não se faz isso do dia pra noite. A minha primeira decisão foi voltar a estudar. Comecei o [curso de] Tecnólogo de Turismo, fiz oficinas no *Espaço Cultural Oswald de Andrade*, mas ainda estava meio perdido. O tear entra na minha vida como uma resposta do universo. Como se o fato de eu ter mais acertado no primeiro ano do que errado, eu pudesse enfim encontrar o tear, e meu mestre, José Donizete, que me ensinou a tecer. Foi uma paixão arrebatadora. Quando eu conheci o tear, tive um lampejo interno. Disse para mim mesmo: “Eu quero isso na minha vida”. Ainda não entendia para o que aquilo servia, mas eu só queria tecer.

URDUME. Você aprendeu e passou a tecer como profissão?
Alexandre Heberte. Eu compro meu tear de pente liço ainda morando na casa do meu amigo. Cheguei em abril e comprei meu tear em outubro, seis meses depois. Eu estudava de dia, voltava pra casa e ia tecer com barbante de algodão ou algodão. Como eu não tinha dinheiro para fazer nada, esse era o meu lazer. E tecendo eu esquecia do mundo. Quando o tear chega, eu ainda não tinha certeza nem garantia nenhuma, mas ele chega e faz com que eu mergulhe nas minhas próprias indagações.

URDUME. Então ainda não foi nesse momento que você passou a viver como artesão?
Alexandre Heberte. Na verdade, antes de ser tecelão em fui tarólogo. Leio tarô desde os 14 anos e cheguei a ter uma sala esotérica no brechó que

tive com a minha irmã em Fortaleza. Por isso, quando cheguei em São Paulo, trabalhei por três anos e três meses no *Encanto Cigano*, um sistema esotérico por telefone. Lá, eu jogava todos os dias de 7h às 13h, acumulando mais de 300 mil minutos de atendimento. Foi um trabalho muito importante, porque eu entendi sobre a fragilidade do outro. As duas frases que eu mais ouvia eram "vê aí se ele me ama" e "vê aí se ele está me traindo". Vivenciando isso tive a compreensão do que é o exercício de amadurecimento. As coisas não acontecem do dia para noite. Quando comecei, só tecia para presentear os amigos. Só quando saio do *Encanto Cigano*, que começo a fazer xales e cachecóis para venda. Isso foi em abril, ao final do inverno eu tinha vendido mais de 400 peças.

URDUME. E o mergulho nas suas indagações, o que te trouxe?

Alexandre Heberte. Durante todo esse processo a tecelagem me ofereceu uma experiência de cura. O tear resgatou a minha autoestima. Quando eu era adolescente eu li Brumas de Avalon [livro de Marion Zimmer Bradley], uma das cenas que mais me chamava a atenção era quando a [personagem] Morgana ficava tecendo, tricotando, e isso fazia com que ela abrisse os portais dela mesma e tivesse visões. Eu acho que isso acontece na tessitura ou em qualquer processo manual. Quando você mergulha, tem lampejos criativos, acessa portais. E foi o que aconteceu. Conforme eu ia tecendo, um trabalho ia me levando ao outro,e eu fui ficando mais consciente de algo que posso chamar de uma missão, que é curar ou estimular o outro com a minha arte manual. Quando eu estava ali, só o tear e eu, refletia sobre quem tinha sido o Alexandre adolescente, sobre a relação com meu pai, minha mãe, o corte do cordão umbilical, sozinho ali, podia compreender essas relações. Descobrir onde eu havia acertado, errado, me perdoar e perdoar todas as pessoas que me amam, família e amigos íntimos. Porque é muito engraçado, mas quando eu saí do Juazeiro, naquelas condições, toda a cidade acredita ou exclama: "Pronto, se aprontava o que aprontava aqui, em São Paulo está perdido, vai morrer por lá." Mas aconteceu justamente o contrário, foi dentro dessa grande cidade, onde está tudo ao alcance da mão, de bom e de ruim, que eu me resgato, me reconheço e ganho nome e sobrenome.

URDUME. E como você faz para viver da tecelagem? É possível?

Alexandre Heberte. O tear sempre me trouxe paz, e mesmo sem ter garantia nenhuma de onde ela ia me levar, eu não fui impaciente ou intempestivo. Policiei meus pensamentos, meu lado sombrio, sempre tentando colocar luz sobre as minhas sombras. E mesmo sem ter certeza sobre esse caminho, eu tecia. Talvez eu esteja me repetindo, mas o faço porque observo que as pessoas só querem começar um caminho manual, tricô, crochê, com a certeza de que aquilo vai dar certo, e não é assim. A tecelagem e o trabalho manual me deram disciplina, organização, a tecelagem ordenou os meus pensamentos. E quando você se propõe a trabalhar disciplinadamente, parece que você move o universo, e ele começa a conspirar a seu favor. Talvez eu me sinta um privilegiado de ter assumido o ofício de tecelão e ainda permanecer com esse encantamento ao falar sobre essa arte milenar. Além disso, ser artista ou fazer arte é algo independente do mercado, tem que ser visceral, é se posicionar paralelo a um mercado capitalista muito forte que existe em torno da arte. É fazer arte como cultural, fomentando o respeito e a transformação. A pessoa é para o que nasce, e o universo tá sempre te suprindo (também monetariamente) de acordo com a sua disciplina.

URDUME. A tecelagem é um trabalho solitário,

Natural do Ceará, Alexandre Heberte encontrou sua essência nas tramas da cidade de São Paulo.

Fotos: Laís Domingues

Um dos trabalhos de Alexandre que misturam fios, tramas e arames.

Foto: Laís Domingues

em grande parte doméstico, mas você muda isso ao levar o seu tear para rua. Conte sobre a sua experiência como esses dois ambientes se relacionam. [Em 2017, Alexandre desenvolveu o projeto Trama São Paulo, no qual percorreu 33 pontos da cidade, tecendo em locais públicos. No fim, expôs todas as peças tecidas na SP-Arte] .

Alexandre Heberte. Eu já passei, e passo, muito tempo sozinho. Em um primeiro momento, eu tive que sair nas ruas para vender as peças, onde você precisa se expor, se relacionar, e não pode ter vergonha. Já quando eu começo a tecer na rua, querendo ou não, eu estou ali para falar do meu aprendizado, e na rua o meu processo de cura se amplia e continua. A cada novo encontro, sou indagado sobre o que faço ali e sinto a necessidade de contar para as pessoas não só como se tece mas o que é a tecelagem e sua ancestralidade. Ali, não está o Alexandre negro, gay, mas um ser humano, uma pessoa, um artista sem essa questão de gênero, sem todas essas polêmicas e polarização que vemos hoje em dia, entende? Eu já teci em muitos lugares que geralmente as pessoas não passeiam, e mesmo assim sempre fui muito bem recebido. Mesmo as pessoas que a sociedade estereotipa, meninos traficantes, armados, até deles eu consegui o respeito. Se perguntarem o que era aquilo, eu responderia que era arte, e recebia o aval para estar ali. Então esse também é um processo de cura com o meio, com o entorno, de poder estar e ressignificar qualquer ambiente.

URDUME. Você se sente realizado com a vida que tem hoje?

Alexandre Heberte. Hoje, meu pai está com Alzheimer, mas antes, ainda com lucidez, ele costumava dizer que um dia eu ia poder contar a minha história e ajudar as pessoas. Direta ou indiretamente é isso que tenho feito, e pretendo fazer ainda mais, trazendo o tarô novamente para minha vida, e para perto das tramas ■